

*Maria de los Dolores Jimenez Peña\**  
*Coordenação e organização*  
*Deise Regina de Souza Silva\*\**

## RESUMO

Este artigo pretende dialogar com o professor sobre as mudanças de comportamento que vêm ocorrendo na escola, com o advento da Nova Tecnologia de Comunicação. A primeira mudança se refere à aproximação do educador com o computador; a segunda se refere à importância da formação permanente deste professor e, finalmente, o desafio de integrar significativamente essa tecnologia no ambiente educacional. As idéias aqui expostas, são no sentido de mobilizar ações que visem à formação dos profissionais da educação, em todos os níveis, em face dos avanços tecnológicos e da Internet. É uma reflexão sobre a importância de conhecer e desenvolver habilidades que permitam integrar os recursos das novas tecnologias na escola, favorecendo a ação pedagógica e a aprendizagem. O advento da internet e seu potencial educativo, nos coloca, enquanto professores, no centro de um desafio educacional que exige um enfrentamento do medo de não saber, da resistência ao novo e da inabilidade no uso da máquina.

Palavras-chave: Nova Tecnologia de Comunicação. Escola. Aprendizagem. Desafio.

\* Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

\*\* Aluna do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie.



Os computadores estão na escola e, ainda, não revemos a nossa postura frente a essa realidade na educação e no ensino-aprendizagem.

Ciberespaços, Novas tecnologias, Internet, EAD, que monstros são estes que invadiram a escola?

A história da humanidade é marcada por grandes descobertas, transformações ... e neste século a explosão tecnológica digital, vêm produzindo profundas mudanças no mundo e com certeza no homem. “Precisamos olhar o mundo de hoje com os olhos do mundo de amanhã, não com os do mundo de ontem. Ora, os olhos de amanhã são os olhos planetários. As fronteiras são ruínas, ainda de pé, de um mundo em revolução” (LÉVY, 2001, p. 33).

As diferentes formas de comunicação, que permeiam a sociedade do conhecimento, impõem para a escola a urgência de repensar os caminhos da educação tradicional, baseada no professor como “transmissor” de conhecimento. Hoje, as novas tecnologias, em especial a informática, permite com o recurso da internet a busca de informação e a construção de conhecimento através do computador.

Na era da Internet é preciso ir além da mera transmissão de informação, na qual apenas trocamos uma fonte de informação por outra, a fim de nos sentirmos parte de um novo grupo de acesso, o virtual. O professor precisa aprender a lidar com a informática e, muitas vezes, admitir ignorância sobre o assunto. O importante é não medir esforços para superar esse momento, tendo em vista que, tanto o professor quanto o aluno poderão aprender juntos.

A formação contínua do professor é um aspecto importante a ser considerado no ensino e conseqüentemente na educação, em decorrência das transformações aceleradas que vêm ocorrendo no mundo. Atualmente, é difícil pensar em um professor que não esteja buscando novos conhecimentos, visando novas aprendizagens.

Tudo muda muito rapidamente, é preciso mais do que nunca estar “plugado” a estas mudanças e transformações.

Para Silva (1999, p. 62)

Uma vez diplomado, definitivamente pronto e acabado para a prática do ensino – essa a idéia que lamentavelmente parece imperar na seara do magistério. A formação contínua do professor é um processo que não pode ter fim, numa época da mais alta aceleração das descobertas científicas. Mais do que isso: ser professor é assumir um compromisso com o conhecimento, com a cultura elaborada, transformando-se *ad eternum* nos diálogos travados com as novas gerações. Por outro lado, considerando o exposto a respeito da formação dos professores, a atualização coloca-se como uma necessidade ainda maior, sem o que a escola corre o risco de ficar fora do seu tempo.

As dificuldades do professor, em lidar com as novas tecnologias, faz com que ele se sinta incapaz, face a tantas novidades que lhe são apresentadas diariamente. Estas são algumas das sinalizações que apontam a necessidade de repensar o nosso papel.

Muitos professores em seus cursos de formação universitária, não foram capacitados para lidar com esses novos conhecimentos. Aliar a formação e a valorização do professor e as novas estratégias de aprendizagem são esforços a serem enfrenta-



dos por toda a escola. Esse posicionamento, requer do professor que deseja esses conhecimentos, um investimento pessoal.

Segundo Abreu e Masetto (1989, p. 10)

Toda aprendizagem é pessoal. Lembremo-nos de que a aprendizagem envolve mudança de comportamento ou de situação do aprendiz, e isto só acontece na pessoa do aprendiz e pela pessoa do aprendiz. É um pouco a afirmação do óbvio: Ninguém aprende pelo outro.

Muitas vezes, relutamos diante de novas idéias, de novas propostas e de novas experiências por desconhecimento, medo e insegurança. Apropriar-se de habilidade para utilizar a informática em sala de aula é importante para aprender e para verificar que o mundo está mudando, e que se faz necessário acompanhar as mudanças, percorrer novos caminhos e possibilitar novos saberes.

Nem sempre damos conta do quanto uma experiência desafiadora é importante para o nosso aprendizado e aprimoramento da aprendizagem do nosso aluno. Isto foi vivenciado por mim, na minha prática docente. A minha quase total falta de habilidade com a “máquina” (computador) se deu na escola, na qual sou a professora orientadora da sala de leitura P.O.S.L. (Professora Orientadora de Sala de Leitura).

Quando assumi a função, além de professora, passei a administrar o uso do espaço, o fluxo de empréstimos e de pesquisa para alunos e professores. O preenchimento burocrático de planilhas, livros de tombo etc, tudo feito manualmente, absorvia grande parte do meu tempo. Uma das soluções era informatizar, mas eu desconhecia informática. Continuei fazendo tudo manualmente. Com a chegada dos computadores na escola, tomei então a iniciativa, solicitei, junto à P.O.I.E. (Professora Orientadora de Informática Educativa) e à direção da escola, a possibilidade de ser enviado um computador para a sala de leitura e o desenvolvimento de um programa que facilitasse o armazenamento de dados.

No entanto, eu não tinha nenhuma intimidade com a máquina e sequer sabia ligar / desligar o computador e “catava milho” no teclado. É claro que não estava sozinha nessa empreitada. A parceria com a P.O.I.E. foi fundamental. Ou seja, antes mesmo de iniciar a minha “alfabetização” em informática, estava operando o armazenamento de dados da sala de leitura no Access (Gerenciador de Banco de Dados). Segundo Alava (2002, p. 16), “O ciberespaço é, assim, mais do que um simples dispositivo midiático que oferece aos sujeitos ferramentas de comunicação; ele pode tornar-se um espaço de inovação e de colaboração social”.

Inicialmente, tive medo de tudo, principalmente de quebrar o computador. Normalmente, qualquer coisa fora da rotina, costuma deixar apavorada a maioria das pessoas não capacitadas.

A insegurança de lidar com o novo, sobre o qual não temos domínio, mexe com a nossa auto-estima; passamos a nos ver como verdadeiros analfabetos digitais.



Para Litwin (2001, p. 95),

Hoje o conceito de analfabeto não apenas abarca as pessoas que não sabem ler e escrever as operações aritméticas básicas, mas se aplica para incluir, além disso, os que não estão capacitados para resolver os problemas cotidianos e não podem se adaptar às diferentes situações.

Como admitir não saber utilizar essa nova ferramenta de trabalho... estar perdendo “terreno” para uma máquina? Ora, ora, ora, esses pensamentos também passaram pela minha mente! Principalmente quando errava ou batia numa tecla qualquer, acessando outras funções que não conhecia. Certa vez, depois de registrar mais de 300 títulos com os seus respectivos dados houve queda de energia e perdi tudo. Não sabia que era necessário ir “fazendo e salvando”. É, colega professor, o jeito foi “começar de novo”.

Esses pequenos incidentes cometidos no processo de aprendizagem, nos fazem acreditar que somos os mais “ignorantes dos mortais”, “que chegamos ao fundo do poço” e que nos levam a refletir sobre a situação de aprendizagem do aluno.

Quando trocamos o papel de formador para o de aprendiz deparamo-nos com uma série de dificuldades, passamos a perceber o conflito em que se encontra o nosso alunado ao ter que assimilar conhecimentos que não dominam.

Segundo Libâneo (2001, p. 10)

[...] novas exigências educacionais pedem às universidades e cursos de formação para o magistério um professor capaz de ajustar sua didática às novas realidades de sociedade, do conhecimento, do aluno, dos diversos universos culturais, dos meios de comunicação.

Portanto, a formação do professor para enfrentar essa realidade não se adquire em cursinhos, ela provém do questionamento do professor quanto ao seu papel na educação. A necessidade de aprender a mediar a aprendizagem de outros, tem que ser um compromisso de cada professor; tanto para responder às mudanças que ocorrem na sociedade e no sistema educacional, quanto para integrar os vários conhecimentos às nossas práticas. Porém, a formação inicial do professor esta aquém da realidade aplicada nos cursos e das exigências educacionais, bem como diante do impacto das transformações da sociedade, em decorrência das tecnologias de comunicação e informação.

Apropriar-se dos conhecimentos de informática e a sua introdução à prática em sala de aula, requer do professor uma familiaridade, a fim de orientar os alunos nas diferentes situações de aprendizagem, a serem desenvolvidas. Ainda que se tenha mobilizado esforços na escola, com o objetivo de capacitar professores para a prática em informática, há resistência, medo e desmotivações. Segue, o depoimento emocionado de uma professora, na descrição de uma prática, presente no rol de atividades da escola, que ela não possui habilidades para executar.

Sou educadora da Prefeitura Municipal de São Paulo desde 1970 e tenho 56 anos. No transcorrer de minha carreira fui aprovada e sempre classificada entre os 50 primeiros



colocados em todos os concursos prestados por mim e realizados pela Fundação “Carlos Chagas”, os quais foram para: Professora, Coordenadora Pedagógica, Diretora de Escola e Supervisor Escolar. Ocupei todos esses cargos e me aposentei. Atualmente, estou trabalhando como professora com preferência em alfabetização.

Todavia, isso não serviu nem facilitou para que eu adquirisse conhecimento e intimidade com o computador e toda a parafernália que está dentro dele.

Quero deixar claro que nada tenho contra a máquina e reconheço nela a utilidade, a economia de tempo e todas as suas valias.

Minha família desenvolve seu trabalho no computador (2 filhas publicitárias, na Internet e meu marido é jornalista e também usa esse meio) e não perdem a oportunidade de dizer-me que, brevemente, não poderei viver sem conhecê-lo.

Ou sou exceção à regra ou o ambiente estimulador foi insuficiente, faltou motivação para mim.

Quando acompanho meus alunos à aula de informática, fico desolada. Nela estou no mesmo nível deles (2º ano) ou até abaixo do nível de alguns. Participo dessa aula apenas no pedagógico e aprendo “alguma coisinha” dos procedimentos a realizar na máquina, durante a aula.

Mediante tal situação, posso me ver no lugar de alguns dos meus alunos. Como é triste não ter facilidade para aprender certas coisas.

É por isso que consigo entendê-los muito bem em suas dificuldades, e os ajudo com todo o meu querer, encorajando-os e valorizando suas conquistas.

Afinal, com toda essa minha idade, já descobri que temos a tendência de gostar de ensinar somente aos que aprendem. Os que não aprendem com facilidade ficam à deriva, deixados à sua própria sorte.

Esse é meu caso. Preciso encontrar alguém que esteja dispostos a descobrir onde está o meu “nó” e desatá-lo com amor e alegria, para que conheça essa máquina maravilhosa que até então é, para mim, uma ilustre desconhecida [...].

Este depoimento mostra o que tem sido, para uma parcela de professores, o contato com esse novo meio de comunicação e com essa nova linguagem.

Há que se destacar, também, o relacionamento entre o professor aprendiz e o professor de informática, diante desse novo conhecimento e das exigências educacionais.

Portanto, é necessário que os profissionais, que atuam na formação e capacitação de professores em informática, sejam mais cautelosos em seus comandos e no uso dos termos técnicos, a fim de que as dificuldades sejam superadas.

Certa vez, fui participar de um curso de capacitação em informática, para professores da rede da PMSP, e o professor orientador iniciou sua fala apresentando um portal, ao público de professores que lotavam o laboratório de informática. A professora, que estava ao meu lado, sequer sabia manusear o *mouse*. Não podemos partir do pressuposto que todos dominam esses conhecimentos. Um dos cuidados para o sucesso de um curso de capacitação é saber o nível de conhecimento dos participantes. Recentemente, no mestrado, senti muita dificuldade em participar de um



fórum, proposto na disciplina de Formação e Competência Pedagógica para Utilização das Novas Tecnologias da Comunicação, pois não conseguia acessar a Internet.

Cordeiro “As mensagens que o computador emite, quando ocorre algum problema interno, também constituem motivos de frustração. Essas mensagens, além de genéricas e de não explicarem muita coisa [por exemplo: Erro fatal; Ocorreu um erro inesperado], são traduzidas do inglês e nem sempre mantêm a fidelidade de seu significado original” (CORDEIRO NETO, 2001, p. 59).

Registrar-se num fórum pela internet, é uma experiência que também traz uma sensação de incapacidade, apesar de ser auto-explicativa. Porém, quando conquisei esse conhecimento fui tomada de euforia e prazer.

Como professores, precisamos estar atentos, pois nem todos os alunos dominam saberes que nos parecem óbvios.

A exploração dos ambientes virtuais, especialmente a internet (banco de dados, sites etc.), possibilitam ampliar o potencial de aprendizagem e a autonomia e nos coloca, rapidamente, em segundos, em um meio interativo e em contato com outras culturas. O acesso facilita a informação, mas é necessário habilidades para buscar essas informações e selecioná-las para utilização no contexto de aprendizagem.

Segundo Straubhaar (2002, p. 40-41), professor de comunicação e diretor do Centro de Estudos Brasileiros da Universidade do Texas

Mesmo nos Estados Unidos, onde quase todos os professores têm nível universitário, a maioria não está preparada para usar esses equipamentos. O governo investe fortunas para equipar salas de aula, que mal são utilizadas. Esse é um problema de muitos governos. Pensam primeiro na máquina e depois na capacitação.

Percebemos então que, freqüentemente estaremos sujeitos a dificuldades ao transitar nesses ambientes. Nada que não possa ser solucionado pois contamos com a colaboração do professor, do aprendiz, do grupo-classe e de outras parcerias. Precisamos buscar parcerias, inclusive junto aos alunos que dominam essa linguagem. Para Alava (2002, p. 10)

No contexto da formação inteiramente mediatizada, se a ausência de contato direto entre o aprendiz e o professor e entre aprendizes não for suprida eficientemente, há risco de comprometer a relação e de prejudicar a aprendizagem.

Nesse contexto, o professor não é o principal provedor de conhecimento, e sim um guia, um animador do grupo. O professor deve buscar parcerias para se apropriar de conhecimento e habilidades.

Estamos diante do grande desafio de reconhecer a importância da utilização das novas tecnologias, criar condições para saber como se aprende, organizar e estimular situações de aprendizagem voltada para a prática educativa que visa a colaboração.

Diante das rápidas transformações, que a sociedade contemporânea vem sofrendo, a utilização da Internet é de vital importância. Não se concebe mais a educa-



ção sem ela, querendo ou não, vivemos a era da informática. O computador começa a fazer parte da realidade das escolas, bem como na nossa vida cotidiana, basta simplesmente irmos a um banco, irmos ao supermercado e lá o encontraremos. O volume de informações é muito grande e, exige-se rapidez no fluxo e no trato das mesmas. O potencial e o alcance da internet permite comunicação entre pessoas de vários locais do mundo, tornando-se uma ferramenta importante para a educação e para os educadores. Somente iremos aprender a manejar o computador e a navegar na Internet, se reconhecermos nessas ferramentas a sua importância nos processos educativos, a possibilidade de integrar e associar esses conhecimentos à prática em sala de aula.

O desejo de aprender é mágico. É ele quem vai impulsionar esta busca pelo saber e aprofundar conhecimentos que são inerentes à nossa prática.

Aprender a dominar as novas tecnologias, familiarizar-se com esses conceitos e adquirir habilidades, são com certeza os desafios a serem enfrentados por todos aqueles que estão inseridos no processo educacional.

Segundo Dowbor (2001, p. 12) “É um desafio, porque o universo de conhecimento está sendo revolucionado tão profundamente, que ninguém vai sequer perguntar à educação se ela quer se atualizar.” Muito menos ao professor. Fica, portanto, para todos nós profissionais o desafio de assumirmos a nossa auto-formação.

As tecnologias fazem parte da vida, do trabalho e alteram as relações de convivência com o mundo. Hoje, em poucos segundos podemos estar conectados e trocando informações com pessoas de outros países e de outras culturas. Por serem novas ferramentas de aprendizagem, informação e comunicação, com um poderoso potencial educacional, elas ainda estão sofrendo ajustes e necessitam de reflexões sobre o seu uso. Nós, professores, não podemos ficar alheios a estas questões que permeiam a educação e a sociedade. Buscar parcerias, diminuir as distâncias de conhecimento e habilidades são tomadas de posturas que vão ao encontro de saber mais, aprendendo a aprender na era da informação e da comunicação.

“Mestre não é só quem ensina, mas quem de repente aprende”

João Guimarães Rosa

## **Navigating is a need ... learning is fundamental**

### **ABSTRACT**

The purpose of this article is to dialogue with the professor about the behavior changes that occurring in schools due to the New Communication Technology: the first change refers to the environment. The ideas here exposed are in a way to defend actions that aims the computer formations of the education field due to new



MACKENZIE

technological advances as well as the Internet. It is a reflection importance to acknowledge and develop skills that allow integrating the new technology's schools to help in the pedagogical and learning processes. The Internet and its educative potential locate us, teachers, in the center of an educational requires us to face the unknown, to face the fear of not having the knowledge; to face the new and the inability to use machines.

Keywords: New Communication Technology School. Learning. Challenges.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Maria Célia de; MASETTO, Marcos Tarciso. *O professor universitário em aula*. 7. ed. São Paulo: MG Editores Associados, 1989.

ALAVA, Séraphin et al. *Ciberespaços e formações abertas: rumo a novas práticas educacionais*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

CARNEIRO, Raquel. *Informática na Educação: representações sociais do cotidiano*. São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção Questões da nossa época, v. 96).

DOWBOR, Ladislau. *Tecnologias do conhecimento: os desafios da educação*. Petrópolis: Vozes, 2001 (Temas Sociais)

LÉVY, Pierre. *A conexão planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência*. (Tradução de Maria Lucia Homem e Ronaldo Entler. São Paulo: Ed. 34, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. *Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001 (Coleção Questões da nossa época, v. 67).

LITWIN, Edith. *Tecnologia educacional, políticas, histórias e propostas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

SILVA, Ezequiel Theodoro da . *Magistério e mediocridade*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1999. (Coleção Questões da nossa época, v. 3).

STRAUBHAAR, Joseph. Tecnologia: incluir para educar *Revista Educação*, São Paulo, n. 68, dez. 2002.

